

Metaplasmos: uma proposta didática

Metaplasmos: a proposal for teaching

Vicente Masip Viciano*

**Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)*

Resumo: O português experimentou numerosas mudanças vocálicas e consonantais durante o processo de consolidação como idioma por influência das línguas germânicas, do árabe e, especialmente, do latim. Eis uma síntese das alterações fonéticas e ortográficas que ocorreram em certos vocábulos ao longo da evolução da língua, também conhecidas como metaplasmos, a partir das quais pretendemos sugerir uma proposta didática para facilitar sua assimilação, destacando os contextos de uso em que ocorreram, depois de apresentar o sistema fonológico-ortográfico latino e português.

Palavras-chave: Fonologia. Fonética. Ortografia. Metaplasmos.

Abstract: The Portuguese suffered numerous consonant and vowel changes during the process of consolidation as language under the influence of Germanic languages, Arabic and especially Latin. Here is a summary of the phonetic changes for certain words that occurred during the evolution of language, also known as metaplasms, from which we intend to suggest a didactic proposal to facilitate their assimilation, highlighting the use contexts in which they occurred after presenting the phonological spelling-Latin and Portuguese.

Keywords: Phonology. Phonetics. Spelling. Metaplasmos.

Introdução

Metaplasmo é um substantivo derivado, de origem grega, composto da preposição prefixada *meta*, que significa “no meio de, entre” e do substantivo primitivo neutro da terceira declinação *plasma*, *plásmatos*, que quer dizer: “figura, representação”, derivado, por sua vez, do verbo *plasso* (ou *platto*), *plaso*, *éplasa*, *péplata*, “modelar, plasmar”. Poderíamos traduzi-lo por “o que está representado no meio das palavras”. O termo emprega-se na linguística românica para denominar as alterações **fonéticas** e ortográficas que ocorrem em certos vocábulos ao longo da evolução de uma **língua**.

O português experimentou numerosas mudanças durante o processo de consolidação por influência de várias línguas, especialmente do latim. Eis uma síntese dessas alterações (cf. Masip, 2003: 69-73), a partir das quais pretendemos sugerir uma proposta didática; apresentamo-las agrupadas, em ordem alfabética, para facilitar sua assimilação¹.

Metaplasmos de acréscimo. Desdobramento de sons.

- Alongamento: em monossílabos: *do* > do.
- Epêntese: no meio do vocábulo: *stella* > estrela.
- Paragoge: no fim do vocábulo (anglicismos): *box* > boxe, *club* > clube.
- Prótese: no início do vocábulo: *scribere* > escriver.

Metaplasmos de contração ou crase. Fusão de sons: *videre* > ver.

Metaplasmos de elisão ou queda. Eliminação de sons.

- Aférese: no início do vocábulo: *horologium* > relógio.
- Apócope: no fim do vocábulo: *totalē* > total, *fidele* > fiel.

¹ Grafamos em itálico a palavra latina que gerou os metaplasmos e, com tipografia normal, o vocábulo português, sublinhando a ocorrência do fenômeno em ambos. O latim é uma língua de perfil prosódico paroxítono, mas carece de acentos ortográficos; ao longo do artigo, destacaremos a sílaba tônica latina, não paroxítona, com negrito: *candidus* (branco).

- Haplologia: uma sílaba inteira desaparece no meio de vocábulo: *digitu* > dedo.
- Sinalefa: entre dois vocábulos: *de+o* > do.
- Síncope: no meio do vocábulo: *legale* > leal.

Metaplasmos de permuta: Substituição de sons ou letras.

- Apofonia: uma vogal, no lugar de outra: *in amicu* > *inimigo*.
- Assimilação: igualam-se sons diferentes: *persona* > *pessoa*.
- Consonantização: i por j e u por v: *Hierusalem* > *Jerusalem*, *uida* > *vida*.
- Dissimilação: diversificam-se sons iguais: *Massilia* > *Marselha*.
- Sonorização: surdo torna-se sonoro: *lupu* > *lobo*, *latrone* > *ladrão*, *verecondia* > *vergonha*.
- Vocalização: vogais, no lugar de consoantes: *octo* > *oito*, *multum* > *muito*.

Metaplasmos de transformação. Troca de som oral por nasal ou vice-versa.

- Desnasalização: um som nasal se torna oral: *Olisipona* > *Lisbõa* > *Lisboa*.
- Nasalização: um som oral se torna nasal: *mihi* > *mim*, *sic* > *sim*.

Metaplasmos de transposição. Um som muda de lugar.

- Diástole: em direção ao fim do vocábulo: *tenebras* > *trevas*.
- Hipértese: de uma sílaba para outra: *coreu* > *couro*.
- Metátese: dentro da mesma sílaba: *pro* > *por*, *inter* > *entre*.
- Sístole: em direção ao início do vocábulo: *amabamus* > *amávamos*.

Antes de apresentarmos a proposta didática propriamente dita, detalhamos os sistemas fonológicos e ortográficos do latim e do português.

Sistema fonológico latino e português

Diagrama fonológico vocálico do latim clássico (JURET, 1921)²

Fonemas vocálicos do latim clássico	anterior palatal	central velar	posterior velar
alto, breve	/i/ <i>īlle</i> , ele		/u/ <i>lūpu</i> , lobo
alto, longo	/i:/ <i>flū</i> , fio		/u:/ <i>acūtū</i> , agudo
médio, breve	/e/ <i>dēce</i> , dez		/o/ <i>rōta</i> , roda
médio, longo	/e:/ <i>acētū</i> , azedo		/o:/ <i>flōre</i> , flor
baixo, breve		/a/ <i>fāba</i> , fava	
baixo, longo		/a:/ <i>plātū</i> , prado ³	

As vogais clássicas evoluíram, como se comprova no seguinte paradigma (KENT, 1932)

Vogais do latim clássico	Vogais do latim vulgar
a breve: <i>fāba</i> →	
a longo: <i>plātū</i> →	a fechado: <i>faba</i> , <i>platu</i>
e breve: <i>dēce</i> →	ε aberto: <i>dεce</i>
e longo: <i>acētū</i> →	e fechado: <i>acetu</i>

² O latim clássico predominou do século III a.C. ao I d.C.

³ As gramáticas e dicionários usam dois sinais: *macron* (ˉ) para indicar vogal longa e *bráquia* (˘) para indicar vogal breve.

i breve: <u>i</u> lle →	
i longo: f <u>i</u> lu →	i fechado: <u>i</u> lle, f <u>i</u> lu
o breve: r <u>o</u> ta →	o aberto: r <u>o</u> ta
o longo: fl <u>o</u> re →	o fechado: fl <u>o</u> re
u breve: l <u>u</u> pu →	
u longo: ac <u>u</u> tu →	u fechado: l <u>u</u> pu, ac <u>u</u> tu

Diagrama fonológico consonantal do latim clássico (JURET, 1921)⁴

Modo e ponto de articul.	Bilabial		Labiodental		Linguodental		Alveolar		Palatal		Velar	
	Sr	Sn	Sr	Sn	Sr	Sn	Sr	Sn	Sr	Sn	Sr	Sn
Oclusivo	/p/ <i>p</i> rimus	/b/ <i>l</i> ab <u>i</u>			/t/ <i>a</i> ut <u>e</u> m	/d/ <i>d</i> uo					/k/ <i>q</i> ui	/g/ <i>g</i> enere
Fricativo			/f/ <i>e</i> ff <u>u</u> gere				/s/ <i>s</i> unt		sc /j/ <i>v</i> it <u>i</u> um		sc /w/ <i>q</i> ui	
Nasal		/m/ <i>m</i> ax <u>i</u> me					/n/ <i>n</i> e					
Lateral							/l/ <i>l</i> oc <u>i</u> s					

⁴ sc = semiconsoante. // Os exemplos foram tirados do texto de Cícero, citado a seguir com a respectiva tradução.

Vibrante	/r/
	<u>res</u>

Alfabetos latinos

O alfabeto latino clássico constava de 21 letras⁵:

1	2	3	4	5	6	7	8	9
A	B	C	D	E	F	G	H	I
ā	bē	cē	dē	ē	ĕf	guē	hā	ī
[a:]	[be:]	[ke:]	[de:]	[e:]	[ef]	[ge:]	[ha:]	[i:]
10	11	12	13	14	15	16	17	18
K	L	M	N	O	P	Q	R	S
kā	ĕl	ēm	ĕn	ō	pē	qū	ĕr	ēs
[ka:]	[el]	[em]	[en]	[o:]	[pe:]	[ku:]	[er]	[es]

⁵ Até o século IV a.C., o latim só se escrevia com letras maiúsculas. A maiúscula da letra *u* era *V*. O *k* só existia nas palavras *Kalendae* (primeiro dia do mês), *Kaeso* (ou *Caeso*, nome próprio) e *Karthago* (ou *Carthago*, a cidade). O *j* não existia no latim clássico, mas acabou sendo incorporado pelo filólogo francês Pierre de la Ramée (1515-1572): *Julia*, *jubilo* (alegria). O *v* tampouco existia no latim clássico. Também foi incorporado ao alfabeto latino por Pierre de la Ramée. Era substituído pela vogal *u*. O *y* e o *z* só eram usados para transcrever palavras gregas: *Zeus* (Deus), *hymnus* (hino), *hydra* (hera); no princípio de palavra, o *y* é sempre precedido de *h*.

19	20	21
T	V	X
tē	ū	ěx
[te:]	[u:]	[eks]

Após a reforma de Pierre de la Ramée (1515-1572)⁶, o alfabeto latino ficou com 25 letras, uma a menos (o w), que o português atual:

1	2	3	4	5	6	7	8	9
A, a	B, b	C, c	D, d	E, e	F, f	G, g	H, h	I, i
ā	bē	cē	dē	ē	ěf	guē	hā	ī
[a:]	[be:]	[ke:]	[de:]	[e:]	[ef]	[ge:]	[ha:]	[i:]
10	11	12	13	14	15	16	17	18
J, j	K, k	L, l	M, m	N, n	O, o	P, p	Q, q	R, r
jōta	kā	ěl	ěm	ěn	ō	pē	qū	ěr
[jóta]	[ka:]	[el]	[em]	[en]	[o:]	[pe:]	[ku:]	[er]
19	20	21	22	23	24	25		
S, s	T, t	U, u	V, v	X, x	Y, y	Z, z		

⁶ Matemático francês, nascido em Cuts, também conhecido como Petrus ou Peter Ramus.

ěs	tē	ū	vē	ěx	ī Graeca	zēta
[es]	[te:]	[u:]	[ve:]	[eks]	[i: gráika]	[zé:ta]

Diagrama fonológico vocálico do português falado no Brasil (MATTOSO, 1977 / CUNHA, 1985)⁷:

Fonemas vocálicos portugueses (Brasil)	anterior palatal	central velar	posterior velar
alto	/i/ p <u>i</u> so		/u/ <u>u</u> va
médio alto	/e/ p <u>e</u> so		/o/ p <u>o</u> ço
médio baixo (aberto)	/ɛ/ p <u>e</u> ça		/ɔ/ b <u>o</u> ta
baixo		/a/ p <u>a</u> ssa	

Diagrama fonológico vocálico do português europeu (HALL, 1943 / BARBOSA, 1965)⁸:

Fonemas vocálicos portugueses (Portugal)	anterior palatal	posterior velar
alto	/i/ p <u>i</u> so	/u/ <u>u</u> va

⁷ Segundo Mattoso, o português brasileiro tem sete vogais em sílaba tônica, mas só cinco (/i, e, a, o, u/) em sílaba átona medial e apenas três (/i, a, u/) em sílaba átona final de palavra.

⁸ A única diferença fonológica entre o português europeu e o brasileiro é que aquele possui um /a/ baixo, anterior, palatal e outro /a/ baixo, posterior, velar, enquanto que este só tem um /a/ baixo, central, velar.

médio alto	/e/ p <u>e</u> so	/o/ po <u>ç</u> o
médio baixo (aberto)	/ɛ/ p <u>e</u> ça	/ɔ/ b <u>o</u> ta
baixo	/ɑ/ cant <u>a</u> mos (agora)	/a/ cant <u>a</u> mos (ontem)

Diagrama fonológico consonantal do português (MATTOSO, 1977 / CUNHA, 1985):

Modo e ponto de articul.	Bilabial		Labiodental		Linguodental		Alveolar		Palatal		Velar	
	Sr	Sn	Sr	Sn	Sr	Sn	Sr	Sn	Sr	Sn	Sr	Sn
oclusivo	/p/	/b/			/t/	/d/					/k/	/g/
	p <u>a</u> to				tes <u>o</u> ura						cas <u>a</u>	
		b <u>o</u> la				d <u>e</u> do						g <u>a</u> to
fricativo			/f/	/v/			/s/	/z/	/ʃ/	/ʒ/		
			f <u>a</u> ca				serrote		chu <u>v</u> a			
				y <u>a</u> ca				z <u>e</u>		jarra		
nasal		/m/						/n/		/ɲ/		
		m <u>a</u> e						nen <u>e</u> m		un <u>h</u> a		
lateral								/l/		/ʎ/		
								l <u>a</u> ta		cal <u>h</u> a		
vibrante								/r/				/ʀ/
								per <u>a</u>				r <u>a</u> to

Alfabeto português⁹

1	2	3	4	5	6	7	8	9
A, a	B, b	C, c	D, d	E, e	F, f	G, g	H, h	I, i
a	bê	cê	dê	ε/ê	εfe/fê	gê/guê	agá	i
10	11	12	13	14	15	16	17	18
J, j	K, k	L, l	M, m	N, n	O, o	P, p	Q, q	R, r
jota/ji	ká	ele/lê	eme/mê	ene/nê	o/ô	pê	quê	erre/rê
19	20	21	22	23	24	25	26	
S, s	T, t	U, u	V, v	W, w	X, x	Y, y	Z, z	
esse/si	tê	u	vê	dáblío	xis	ípsilon	zê	

Alguns tipos de pronúncia latina; contrastes com o português

Ao longo da história, houve vários tipos de pronúncia latina: a clássica restaurada, a eclesiástica e a tradicionalmente adotada por cada língua neorromânica ou germânica. Convém lembrar que o português é, a rigor, uma variante dialetal do latim, isto é, seus sons e letras são de índole latina. Assim, um brasileiro efetuará a leitura de um texto latino como se fosse português, com as seguintes ressalvas:

- **ch** soa sempre [k] *chorda* (corda);
- **ti**, antes de vogal, tem o som de [si] *ora^{ti}o* (oração). Conserva, porém, o som [ti] quando é precedido de **s**, **t**, **x**: *ostium* (porta), *Attius* (Áttio), *mixtio* (mistura);

⁹ A dupla transcrição de algumas letras indica sua enunciação ortográfica (em primeiro lugar) e fonológica (em segundo lugar).

- **x** soa sempre [ks]: *Xerxes* (Xerxes);
- os ditongos **ae**, **oe** se pronunciam [e] *caelum* (céu), *poena* (pena, castigo);
- o **c** dobrado, seguido de [e], [i], articula-se [ks]: *accedo* (aproximar-se, chegar), *accipio* (aceitar, receber);
- as consoantes dobradas soam como as comuns, ligeiramente alongadas: *callidus* (inteligente, engenhoso), BB > *abbate* (abade); CC > *bucca* (boca), DD > *amiddula* (amêndoa), FF > *suffere* (sofrer), GG > *aggregare* (agregar), MM > *flamma* (chama), NN > *annellu* (anel), PP > *cappa* (capa), TT > *cattu* (gato).
- o **h** após **t** é mudo: *theatrum* (teatro).

Para exemplificar as diferenças existentes entre algumas pronúncias latinas, apresentamos um breve excerto do texto de *Cícero (De Officiis, Livro I, capítulo 6, secção 18)*: “O vício da ignorância temerária”. A leitura se faz como se estivesse em português; esclarecemos somente a pronúncia de palavras que se prestam a leituras deferentes, segundo a variante escolhida: LC significa “leitura clássica restaurada”; LE, “leitura eclesiástica” e LP, “leitura tradicional portuguesa”. O latim é uma língua paroxítona, ou seja, o acento prosódico das palavras tônicas recai sobre a penúltima sílaba; como não se acentuava ortograficamente, destacamos com negrito a sílaba tônica não paroxítona.

Pronúncia de algumas variantes latinas

Ex quattuor autem locis, in quos honesti naturam vimque divisimus, primus ille,

LC	[lókis]	[uímke divísimus]
LE	[lótʃis]	[vímke divísimus]
LP	[lósís]	[vĩkwi diví:zimús]
<i>qui in veri cognitione consistit, maxime naturam attingit humanam. Omnes enim</i>		
LC	[uéri kognitióne]	[máksime] [at:íngit]
LE	[véri kognitsiόne]	[máksime] [at:ínʒit]
LP	[véri kognisióni]	[másimi] [at:ĩʒit]

	<i>trahimur et ducimur ad cognitionis et scientiae cupiditatem, in qua</i>			
LC	[dúkimur]	[kognitiónis]	[siéntiai]	
LE	[dútʃimur]	[kognitsióniois]	[siéntsie]	
LP	[dúsimur]	[kognisióniois]	[siēsie]	
	<i>excellere pulchrum putamus, labi autem, errare, nescire, decipi et malum et</i>			
LC	[ekskél:ere púlkrum]		[neskíre dékipi]	
LE	[ekstʃél:ere púlkrum]		[neʃíre déʃipi]	
LP	[esél:eri púlkrū]		[nesíri désipi]	
	<i>turpe ducimus. In quo genere et naturali et honesto duo vitia vitanda sunt, unum,</i>			
LC	[dúkimus]	[génere]		[uítia uitánda]
LE	[dútʃimus]	[ʒénere]		[vítsia vitánda]
LP	[dúsimus]	[ʒēneri]		[vísia vitāda]
	<i>ne incognita pro cognitis habeamus iisque temere assentiamur; quod</i>			
LC			[asentiámur]	
LE			[asentsiámur]	
LP			[asēsiamur]	
	<i>vitium effugere qui volet (omnes autem velle debent), adhibebit ad considerandas</i>			
LC	[uítium ef:úgere]	[uólet]	[uél:e]	[adibébit]
LE	[vítsium ef:úʒere]	[vólet]	[vél:e]	[adibébit]
LP	[vísii ef:úʒeri]	[vólet]	[vél:i]	[adibébit]

	<i>res et tempus et diligentiam.</i>
LC	[diligéntiam]
LE	[dilizéntsiam]
LP	[dilizêsiã]

Tradução. “*Aquele primeiro princípio que detém a verdadeira cognição, dos quatro nos quais dividimos a natureza e a força da honestidade, atinge especialmente a natureza humana. Na realidade, todos nós somos puxados e conduzidos pelo desejo do conhecimento e da ciência, mediante os quais achamos que se consegue alcançar a plenitude; por outro lado, julgamos prejudicial e torpe enganar-se, errar, ignorar e decepcionar. Neste tema, referente à honestidade e à natureza, dois vícios devem ser evitados; primeiro, convirá ponderar os assuntos oportuna e diligentemente, para que não consideremos como conhecidas coisas ignoradas e acreditemos nelas temerariamente; deste vício foge quem quer (na verdade, todos devem querer)*”.

Proposta didática propriamente dita

Observemos a seguir a evolução de alguns vocábulos. Apresentamos, em primeiro lugar, a palavra latina em itálico; em segundo lugar, um vetor para indicar evolução; em terceiro lugar, a palavra portuguesa; em quarto lugar, o diagnóstico. Omitimos neste trabalho a influência do grego, das línguas germânicas e do árabe sobre o português, devido às limitações de espaço.

Evolução das vogais latinas

Algumas palavras latinas que contêm “a” tônico, originariamente longo ou breve

- *Matre* > mãe. Transformação [a] > [ã] por nasalização; elisão do encontro consonantal perfeito “tr” por síncope e permuta [e] > [i] por apofonia.¹⁰

¹⁰ Lembremos que as letras portuguesas “e” “o”, situadas em sílaba átona final de palavra, transcrevem os sons [i] [u] respectivamente.

- *Patre* > pai. Elisão do encontro consonantal perfeito “tr” por síncope; permuta [e] > [i] por apofonia.
- *Palatiu* > palácio. Transformação: substituição de [t] por [s], escrito com “c”. Não houve apofonia na evolução do vocábulo, pois o “o” português, situado em sílaba átona final da palavra, transcreve o som [u] (cf. nota 10).
- *Aqua* > água. Permuta por sonorização; o som surdo [k] torna-se sonoro [g].
- *Pratu* > prado. Permuta por sonorização; o som surdo [t] torna-se sonoro [d].
- *Facis* > fazes. Permuta por sonorização; o som surdo [s] torna-se sonoro [z].
- *Ala* > asa. Transformação; um som lateral, alveolar, sonoro [l] substitui um som fricativo, alveolar, sonoro [z], escrito com “s”. *Síntese*: há muitos metaplasmos, mas a vogal “a” tônica latina permanece em português.

Algumas palavras latinas que contêm “e”ônico, originariamente longo, e “i”ônico, originariamente breve

- *Secretu* > segredo. Dupla permuta por sonorização; o som surdo [k] torna-se sonoro [g] e o som surdo [t] torna-se sonoro [d].
- *Plenu* > cheio. Transformação, com elisão: o conjunto [pl] palataliza-se, tornando-se [ʃ], escrito com “ch”; acréscimo da semivogal [j] por alongamento, formando ditongo com [e].
- *Tela* > teia. Acréscimo da semivogal [j] à vogal [e] por alongamento, provocando ditongação; elisão por síncope do som [l].
- *Vice* > vez. Permuta por apofonia: [e] em lugar de [i]; elisão de [e] por apócope.
- *Site* > sede. Permuta por apofonia: [e] em lugar de [i]; permuta por sonorização: [t] torna-se [d].
- *Pilu* > pelo. Permuta por apofonia: [e] em lugar de [i]; o “o” final da palavra portuguesa não constitui apofonia (cf. nota 10).
- *Timet* > teme. Permuta por apofonia: [e] em lugar de [i]; elisão por apócope: perda do [t]. *Síntese*: além da ocorrência de metaplasmos, percebe-se que a letra “e” longa latina permanece em português, mas o “i” breve migra para “e”.

Algumas palavras latinas que contêm “e” tônico, originariamente breve

- *Serra* > *serra*; *ferru* > *ferru*; *merda* > *merda*; *festa* > *festa*. A única mudança é a evolução do [e] fechado para [ɛ] aberto, que destacamos com o símbolo fonético; infere-se que o português assimilou a variante do latim vulgar.
- *Herba* > *erva*. Além da evolução do [e] fechado para [ɛ] aberto, constatamos a elisão do “h” por aférese e a transformação do som oclusivo [b] em fricativo [v].
- *Pelle* > *pele*; *sella* > *sela*. Além da evolução do [e] fechado para [ɛ] aberto, constatamos a elisão por síncope de um “l” em ambos os vocábulos.
- *Septem* > *sete*. Evolução do [e] fechado para [ɛ] aberto e dupla elisão das letras “p” e “m” por síncope.
- *Lepore* > *lebre*. Vários fenômenos: evolução do [e] fechado para [ɛ] aberto; permuta [p] > [b] por sonorização; elisão de “o” por síncope.
- *Pede* > *pé*. Evolução do [e] fechado para [ɛ] aberto e contração ou crase, consequência da elisão por apócope da última sílaba.
- *Petra* > *pedra*. Evolução do [e] fechado para [ɛ] aberto e permuta [t] > [d] por sonorização.
- *Fele* > *fêl*. Evolução do [e] fechado para [ɛ] aberto e elisão do “e” final por apócope.
- *Melle* > *mêl*. Evolução do [e] fechado para [ɛ] aberto; elisão de um “l” por síncope, e do “e” final por apócope. *Síntese*: além da ocorrência de metaplasmos, percebe-se que a letra “e” breve latina se realiza em português como aberta; em espanhol, nos mesmos contextos, sofre ditongação: *sierra*, *hierro*, *mierda*, *fiesta*, *hierba*, *piel*, *siella* > *silla*, *siete*, *liebre*, *pie*, *pedra*, *hiel*, *miel*.

Algumas palavras latinas que contêm “i” tônico, originariamente longo

- *Scriptu* > *escrito*. Constata-se um acréscimo de “e” por prótese e uma elisão de “p” por síncope.
- *Mille* > *mil*. Elisão de “l” por síncope e do “e” final por apócope.
- *Filia* > *filha*. Transformação de dois sons, o primeiro, lateral, alveolar, sonoro [l] e o segundo, alto, anterior, palatal [i] em um único som lateral, palatal, sonoro [ʎ].

- *Fīlu* > *fīo*. Elisão de “l” por síncope; não há epêntese na vogal final (cf. nota 10).
- *Subtīlis* (sutīl). Elisão de “l” por síncope e de “is” por apócope. Síntese: o “i” tônico latino, originariamente longo, realiza-se como “i” em ambas as línguas.

Algumas palavras latinas que contêm “o” tônico, originariamente breve

- *Pōrta* > *pōrta*; *fōssa* > *fōssa*; *cōsta* > *cōsta*; *fōrte* > *fōrte*; *mōrte* > *mōrte*. Evolução do [o] fechado para [ɔ] aberto, corroborando a tendência do latim vulgar.
- *Rōta* > *rōda*. Evolução de [o] para [ɔ] e permuta [t] > [d] por sonorização.
- *Dōrmit* > *dōrme*. Evolução de [o] para [ɔ] e elisão de “t” por apócope.
- *Nōvem* > *nōve*. Evolução de [o] para [ɔ] e elisão de “m” por apócope. Síntese: o [o] tônico latino, originariamente breve, realiza-se como [ɔ] aberto em português.

Algumas palavras latinas que contêm “o” tônico, originariamente longo e “u” tônico breve

- *Amōre* > *amor*. Elisão de “e” por apócope.
- *Tōtu* > *tōdo*. Permuta [t] > [d] por sonorização; não há epêntese (cf. nota 10).
- *Hōdie* > *hoje*. Permuta de um som oclusivo [d] e de um som vocálico alto [i] por um som fricativo palatal sonoro [ʒ]; houve uma transformação e uma permuta por consonantização.
- *Fōrma* > *forma* (de sapateiro); *cōrte* > *cōrte*; *aquōso* > *aquoso*. Não há alterações.
- *Vōtum* > *bōda*. Permuta por consonantização: [u] se torna [b]¹¹; e por sonorização: [t] se torna [d]; elisão por apócope: “um” se reduz a “a”.
- *Scōpa* > *escova*. Acréscimo de “e” por prótese e permuta [p] > [v] por sonorização.
- *Flōre* > *flor*. Elisão de “e” por apócope.
- *Fūrca* > *forca*. Permuta [u] > [o] por apofonia.

¹¹ Como apontamos na nota 4, o latim carecia do som fricativo labiodental sonoro [v], letra “v”, que era substituído pela vogal alta, posterior, velar [u], letra “u”.

- *Super* > *sobre*. Permuta [u] > [o] por apofonia e de [p] > [b] por sonorização. Síntese: O “o” tônico latino, originariamente longo, e o “u” tônico latino breve originam um [o] fechado em português.

Algumas palavras latinas que contêm “u” tônico, originariamente longo e “o” tônico longo

- *Acutu* > *agudo*; *securu* > *seguro*. Permuta [k] > [g] por sonorização em ambos os casos. Não há epêntese (cf. nota 10).
- *Octobre* > *outubro*. Permuta [k] > [u] por vocalização na primeira sílaba; permuta [o] > [e], na segunda sílaba, e [e] > [o], na terceira sílaba, por apofonia.
- *Dormio* > *durmo*. Dupla permuta [o] > [u] por apofonia, e elisão de [i] por síncope.
- *Nullu* > *nulo*; *duru* > *duro*; *muru* > *muro*, *tu* > *tú*. Sem alterações.
- *Culo* > *cú*. Elisão da segunda sílaba por apócope.
- *Pulice* > *pulga*. Elisão de [i] por síncope; permuta [k] > [g] por sonorização e permuta [e] > [a] por apofonia. Síntese: o “u” tônico latino, originariamente longo, e o “o” tônico latino longo produzem quase sempre “u” em ambas as línguas:

Algumas palavras latinas que contêm “u” tônico, originariamente breve

- *Bucca* > *boca*. Permuta [u] > [o] por apofonia e elisão de “c” por síncope.
- *Furca* > *força*; *musca* > *mosca*; *lumbu* > *lombo*. Permuta [u] > [o] por apofonia.
- *Dulce* > *doce*. Dupla permuta [u] > [o] e [e] > [i] por apofonia e elisão de “l” por síncope.
- *Surdu* > *surdo*; *ursu* > *urso*. Sem alterações. Não há apofonia (cf. nota 10).
- *Pulvere* > *pó*. Permuta [u] > [ɔ] por apofonia; elisão de “l” por síncope e do restante da palavra, por apócope.
- *Gula* > *gola*. Permuta [u] > [ɔ] por apofonia.
- *Lutu* > *lodo*. Permuta [u] > [o] por apofonia e permuta [t] > [d] por sonorização.

- *Cruce* > *cruz*. Elisão de [e] por apócope; a permuta “c” > “z” é de índole ortográfica.
- *Nuce* > *nuz*. Permuta [u] > [ɔ] por apofonia e elisão de “e” por apócope; a permuta “c” > “z” é de índole ortográfica. *Síntese*: O “u” tônico latino, originariamente breve, produz [o] fechado ou [ɔ] aberto em português.

Evolução das consoantes latinas

As mudanças consonantais devem ser consideradas sob um prisma diferente das vogais, já que careciam de duração; só prolongavam sua articulação ao se duplicar (BB, CC, TT). Apresentaremos uma síntese simplificada da sua evolução, pois os metaplasmos foram estudados na seção anterior.

Consoantes iniciais simples latinas que permaneceram em português

B, som oclusivo, bilabial, sonoro [b]: *bonu* > *bom*, *bibere* > *beber*, *bucca* > *boca* // **D**, som oclusivo, linguodental, sonoro [d]: *dare* > *dar*, *debere* > *dever*, *domina*, *dona*, *dulce* > *doce* // **F**, som fricativo, labiodental, surdo [f]: *facere* > *fazer*, *filiu* > *filho*, *fumu* > *fumaça*, *folia* > *folha* // **H**: existia em latim e permaneceu em português. Na transição do latim para as línguas românicas, era levemente aspirado. A aspiração continuou em português até se perder: *habere* > *haver*, *habitaculum* > *habitação* // **L**, som lateral, alveolar, sonoro [l]: *lupu* > *lobo*, *laborare* > *lavar*, *lancea* > *lança*, *legere* > *ler* // **M**, som nasal, bilabial, sonoro [m]: *mutare* > *mudar*, *macula* > *malha* // **N**, som nasal, alveolar, sonoro [n]: *narice* > *nariz*, *narrare* > *narrar*, *natione* > *nação* // **P**, som oclusivo, bilabial, surdo [p]: *porta* > *porta*, *pacare* > *pagar*, *pace* > *paz*, *pulica* > *pulga* // **Q**, som oclusivo, velar, surdo [k]: *quintu* > *quinto*, *querela* > *queixa*, *quadratu* > *quadrado*; // **R**. Tudo indica que se realizava sempre em latim como vibrante, alveolar, sonoro simples [r], inclusive iniciando palavra; passou ao português, como som vibrante, velar, sonoro [ʀ] nesse contexto: *rosa* > *rosa*, *radu* > *raio*, *rivu* > *rio* // **S**, som fricativo, alveolar, surdo [s]: *succidu* > *sujo*, *salute* > *saúde*, *sonare* > *soar*, *site* > *sede* // **T**, som oclusivo, linguodental, surdo [t]: *tauru* > *touro*, *tegula* > *telha*, *torpe*, > *torpe*, *tempo* > *tempo*.

Consoantes iniciais simples que mudaram em português quanto ao som ou à grafia

C. A pronúncia desta letra experimentou algumas mudanças ao longo da história: até o século I d.C., a letra inicial “c” transcrevia o som oclusivo, velar, sonoro [k] diante de todas as vogais: *capillu* (cabelo), *colore* (cor), *culpa* (culpa), *caecu* (cego), *cibare* (cevar); após o século I d.C., o som [k] ficou restrito ao “c” seguido de “a”, “o”, “u”: *capillu* > cabelo, *colore* > cor, *culpa* > culpa e assim cristalizou em português; foi-se palatalizando, até se tornar fricativo, palatal, surdo [tʃ] diante de “e”, “i”: *caecu*, *cibare*. A partir da palatalização, o som [tʃ] derivou em português, para fricativo, alveolar, surdo [s]: *caecu* > cego, *cibare* > cevar // G. A pronúncia desta letra também experimentou mudanças: até o século I d.C., a letra inicial “g” transcrevia o som oclusivo velar sonoro [g] em todas as posições: *gallina* (galinha), *gutta* (gota), *geminu* (gêmeo), *gignere* (gerar), *grave* (grave); após o século I d.C., o som latino [g] ficou restrito ao “g” seguido de “a”, “o”, “u”, e assim passou ao português: *gallina* > galinha, *gutta* > gota, *grave* > grave; foi-se palatalizando, até se tornar fricativo, palatal, sonoro [ʒ] diante de “e”, “i”: *geminu* > gêmeo, *gignere* > gerar // J. Não existia no latim clássico, mas acabou sendo incorporada ao alfabeto latino por Pierre de la Ramée, já citado, junto com o “v”. Muitos dicionários não usam o “j”, conservando o “i”; realiza-se em português como som fricativo, palatal, sonoro [ʒ]: *jubilo* > júbilo, *jam* > já, *juliu* > julho, *jacere* > jazer, *jejunare* > jejuar // K, som oclusivo, velar, surdo [k]; só existia nas palavras *Kalendae* (primeiro dia do mês), *Kaeso* (ou *Caeso*, nome próprio) e *Karthago* (ou Cartago, a cidade) // V. Não existia no período clássico. Pronunciava-se “u” em qualquer posição. Isso explica por que muitas transcrições latinas prescindem do “v”. Mas a grafia “v” foi incorporada ao alfabeto latino por Pierre de la Ramée, já citado, junto com o “j”. A mesma letra “v” transcreve, em português, um som fricativo, labiodental, sonoro [v] *uida* > vida, *uetu* > velho // X. Em latim se articulava sempre como dífono (uma letra com dos sons): [ks]. Em português permaneceu [ks] no meio de palavra como no latim; mas, quando situado no início de palavra, migrou para fricativo, palatal, surdo [ʃ]: *Xerxes* > Xerxes, *Xenofonte* > Xenofonte // Y. Som vocálico alto, anterior, palatal [i]; só era usado para transcrever palavras gregas; no princípio de palavra, o “y” estava sempre precedido de “h”: *hymnus* > hino, *hydra* > hera; não permaneceu em português // Z. som oclusivo, linguodental, surdo [t]: só se usava para transcrever palavras gregas. Passou ao português como fricativo, alveolar sonoro [z]: *Zama* (cidade da Numídia), *Zeugma* (figura gramatical que consiste em omitir palavras num enunciado).

Grupos consonantais iniciais

Os grupos consonantais latinos clássicos que iniciam palavra conservam-se inalterados na maior parte dos contextos na sua evolução rumo ao português: **BL**: *blasfemia* > *blasfêmia*; porém: *blandu* > *brando* // **BR**: *braca* > *Braga*, *breve* > *breve*, *brutale* > *brutal* // **CR**: *creditu* > *crédito*, *creatione* > *criação*, *cruce* > *cruz*, *crudele* > *cruel*; porém: *crassa* > *graxa*, *crupta* > *gruta* // **DR**: *drama* > *drama*, *dromade* > *dromedário* // **FR**: *fragile* > *frágil*, *fragrantia* > *fragrância*, *fraternitate* > *fraternidade* // **GL**: *gloria* > *glória*, *globu* > *globo*, *glaucoma* > *glaucoma*, *gleba* > *gleba*, *glandula* > *glândula* // **GR**: *gradu* > *grau*, *graminea* > *gramínea*, *grande* > *grande*, *granu* > *grão* // **PR**: *pratu* > *prado* // *praemiu* > *prêmio* // **TR**: *transcribere* > *transcrever*, *transire* > *transpor*, *transcendere* > *transcender*, *tranquillitate* > *tranquilidade*. Acrescenta-se uma vogal no início, algumas vezes: **SC**: *scribere* > *escrever*, *scutella* > *escudela*, *scopu* > *escopo* // **SM**: *smaragdus* > *esmeralda*, *smyrna* > *mirra* // **SP**: *specie* > *espécie*, *spe* > *esperança*, *spatiu* > *espaço*, *spargere* > *espalhar* // **ST**: *stabulu* > *estábulo*, *stadiu* > *estádio*, *statione* > *estação*. Podem sofrer palatalização em alguns contextos: **PL**: *pluvia* > *chuva*, *plorare* > *chorar*; porém: *platea* > *praça* // **CL**: *clave* > *chave*; porém: *claru* > *claro* // **FL**: *flamma* > *chama*; porém: *flore* > *flor*. O grupo **QU** conserva, algumas vezes, a pronúncia da semivogal: *quattuor* > *quatro*, *quattuordecim* > *quatorze*, *quem* > *quem*, *quaero* > *quero*, *quale* > *qual*, *quomodo* > *como*; porém: *quiritare* > *gritar*.

Consoantes internas simples

A regra geral é a seguinte: as consoantes surdas latinas tornam-se sonoras, conservando o mesmo ponto de articulação; e as sonoras umas vezes se conservam e outras desaparecem: **B**, som oclusivo, bilabial, sonoro [b] > **V** em português, som fricativo, alveolar, sonoro [v]: *habere* > *haver*, *caballu* > *cavalo*, *faya* > *fava* // **C**, som oclusivo, velar, surdo clássico [k] > **G** em português, som oclusivo, velar, sonoro [g]: *pacare* > *pagar*, *ciconia* > *cegonha*, *amicu* > *amigo* // **C**, som fricativo, palatal, surdo do latim vulgar [tʃ] > **Z** em português, som fricativo, alveolar, sonoro [z]: *dicere* > *dizer*, *vicinu* > *vizinho* // **D**, som oclusivo, linguodental, sonoro [d]: normalmente desaparece: *videre* > *ver*, *pede* > *pé*, *peduculo* > *piolho*, *credere* > *crer*; mas, quando continua, realiza-se **D**, em português, som [d]: *aedificium* > *edifício*, *audace* > *audaz* // **PH**, **F**, som fricativo, labiodental surdo [f]: transforma-se em **V** em português, som fricativo, labiodental, sonoro [v]: *cophanu* > *cóvão*, *profectu* > *profeito*, *Estephanu* > *Estévão* // **G**, som oclusivo, velar, sonoro clássico [g]: pode permanecer como **G**, som [g]: *plaga* > *chaga*, *paganu* > *pagão*, *auguru* > *agouro*;

ou desaparecer: *ego* > eu; *vagativu* > vadiu // **G**, som fricativo, palatal, sonoro [ʒ] do latim vulgar > **G** em português, som [ʒ]: *mugire* > mugir, *plataqine* > chantagem; pode também desaparecer: *navigiu* > navio, *digitu* > dedo, *magis* > mais // **J**, som semiconsonantal [j] do latim vulgar > **j** em português, som fricativo, palatal, sonoro [ʒ]: *jejunare* > jejuar, *cujo* > cujo // **L**, som lateral, alveolar, sonoro [l]: cai em português: *angelu* > anjo, *dolore* > dor, *malu* > mau, *solu* > só // **M**, som nasal, bilabial sonoro [m]: permanece: *amicu* > amigo, *homine* > homem, *comedere* > comer, *clamare* > chamar // **N**, som nasal, alveolar, sonoro [n]: desaparece em português, nasalizando, na maior parte das vezes, a vogal anterior: *tenebras* > trevas, *luna* > lua, *maniana* > manhã, *matiana* > maçã, *lana* > lã, *cane* > cão, *veranu* > verão, *granu* > grão, *manu* > mão, *pane* > pão // **P**, som oclusivo, bilabial, surdo [p] > **B**: *sapore* > sabor, *caput* > cabeça, *lupu* > lobo, *capillu* > cabelo, *riparia* > ribeira // **Q**, som oclusivo, velar, surdo [k]: comporta-se como no início de palavra // **R**, som vibrante, alveolar, sonoro, simples [r] conserva-se: *corona* > coroa, *arena* > areia, *dicere* > dizer, *dolore* > dor, *terra* > terra // **S**, som fricativo, alveolar, surdo [s]: até o fim da Idade Média a letra s latina conservou-se, mas transcrevendo o som fricativo, alveolar, sonoro [z]: *mensa* > mesa, *sponsu* > esposo, *casa* > casa, *fuso* > fuso // **T**, som oclusivo, linguodental, surdo [t] > **D**: *aceito* > azedo, *latrone* > ladrão, *solitate* > saudade // **V**, som alto, posterior, velar [u] > **V** *vivere* > viver, *pluvia* > chuva; pode desaparecer, porém, nas terminações em **ivu**: *vaciu* > vazio, *genitivo* > gentio, *estivu* > estio // **X**, é difono [ks], como no início de palavra.

Consoantes internas duplas

É preciso distinguir os dígrafos consonantais que se simplificam, mantendo a pronúncia indicada anteriormente (**BB**: *abbate* > abade // **CC**: *bucca* > boça // **DD** > *amiddula* > amêndoa // **FF**: *suffere* > sofrer // **GG**: *aggregare* > agregar // **LL**: *caepulla* > cebola // **MM**: *flamma* > chama // **NN**: *annellu* > anel // **PP**: *cappa* > capa // **TT**: *cattu* > gato) dos dígrafos consonantais que permanecem: **SS**: *missa* > missa: às vezes, este dígrafo migra para “x”, som fricativo, palatal, surdo [ʃ]: *vessica* > bexiga // **RR**: *terra* > terra; este dígrafo, em português, transcreve o som vibrante, velar, sonoro [r]:

Consoantes internas agrupadas

Podemos distinguir vários grupos consonantais latinos: os próprios (aqueles cujas consoantes pertencem à mesma sílaba) **BR**, **CR**, **DR**, **FR**, **GR**, **PR**, **TR**: precedidos de

consoante, conservam-se: *membru* > *membro*, *scribere* > *escrever*, *Andrea* > *André*, *exfricare* > *esfregar*, *congruu* > *congruente*, *dispreiare* > *desprezar*, *monstrare* > *mostrar*; precedidos de vogal, tornam-se fricativos ou sofrem sonorização: *libru* > *livro*, *lacrima* > *lágrima*, *catedra* > *cadeira*, *integrare* > *integrar*, *aprile* > *abril*, *latrone* > *ladrão*; os grupos consonantais latinos, também próprios, **BL**, **CL**, **FL**, **PL** se conservam: *amplu* > *amplo*; tornam-se sonoros ou surdos, palatalizam-se, suavizam-se ou mudam “l” por “r”: *obligare* > *obrigar*, *cocleare* > *colher*, *inflare* > *encher*, *afflare* > *achar*, *implicare* > *empregar*, *implere* > *encher*; os grupos consonantais impróprios (aqueles cujas consoantes pertencem a sílabas diferentes) costumam permanecer: **LT**, **NF**, **NG**, **RM**, **ST**: *altu* > *alto*, *infante* > *infante*, *funqu* > *fungo*, *forma* > *forma*, *iste* > *este*; alguns, porém, vacilam: **BS**: *absente* > *ausente* // **CT**: *factu* > *feito* // **GM**: *pimenta* > *pimenta* // **GN**: *signa* > *senha*, *regnu* > *reino*; **LC**: *calce* > *coice* // **LT**: *auscultare* > *escutar*, *altariu* > *outeiro* // **NS**: *mensa* > *mesa*, *mense* > *mês* // **MB**: *lumbo* > *lombo* // **MN**: *damnu* > *dano* // **PS**: *ipse* > *esse* // **PT**: *scriptu* > *escrito* // **RS**: *ursu* > *urso*, *persona* > *pessoa* // **SC**: *nescio* > *nécio*, *pisce* > *peixe* // **X [cs]**: *dixit* > *disse*, *sexaginta* > *sessenta*¹².

Grupos de três consoantes

Derivam de modo diverso segundo o contexto em que aparecem: quando as duas últimas consoantes do grupo pertencem à mesma sílaba (dígrafos próprios), normalmente permanecem as três: *incontrare* > *encontrar*, *capistru* > *cabestro*; mas, se as duas últimas derivarem para som palatal, poderá se perder uma ou duas: *amplu* > *amplo*, *implere* > *encher*, *marculato* > *machado*; quando as duas últimas consoantes do grupo pertencem a sílabas diferentes (dígrafos impróprios), cai a penúltima: *punctu* > *ponto*, *sanctu* > *santo*, *anxia* > *ânsia*; quando as duas últimas consoantes do grupo pertencem a sílabas diferentes (dígrafos impróprios), também desaparece a penúltima: *episcopu* > *bispo*, *undecim* > *onze*, *vindicare* > *vingar*, *computo* > *conto*, *computare* > *comptar* > *contar*.

Grupos consonantais românicos

O desaparecimento de certas vogais, ao longo do processo de mutação do latim,

¹² Algumas consoantes latinas, seguidas de *i* na mesma sílaba, derivaram de modo diverso: **Di**: *radju* (raio); **Gi**: *exagiu* (ensaio), *fugio* (fujo); **Li**: *muliere* (mulher), *filia* (filha), *alienu* (alheio); **Ni**: *Hispania* (Espanha), *verecunia* (vergonha); **Pi**: *capiat* (caiba); **Ti**: *tertiariu* (terceiro), *puntione* (punção), *comestione* (comichão); **Si**: *basju* (beijo), *casju* (queijo), *ecclesia* (igreja); **Ssi**: *passione* (paixão).

provocou a formação de alguns dígrafos consonantais inexistentes na língua latina originária. São os chamados grupos consonantais românicos, que derivaram de modo diverso: **CL:** *masculu* > mascclo > macho, *acucula* > acucla > agulha, *apicula* > apecla > belha, *macula* > macla > malha // **PL:** *scopulu* > scoplo > escolho // **TL:** *serratula* > serratla > serralha // **BL:** *fabulare* > fablare > falar // **BT:** *cubito* > cobto > coto // **LN:** *molinariu* > molnariu > moleiro // **LD:** *pallidu* > paldou > pardo // **LC:** *ulice* > ulce > urze (tipo de planta) // **DG:** *judicare* > judigare > judgare > julgar, *medica*, medga > melga (tipo de mosquito) // **DM:** *maritima* > maridima > maridma > marisma (mangue) // **BR:** *laborare* > labrare > layrar // **GL:** *coagulu* > coaglo > coalho // *tegula* > tegla > telha, regula > regla > regra // **ML:** *simulante* > simlante > semblante // **MR:** *memorare* > memrare > membrar > lemrar // **ND:** *generare* > gendrare > gerar, honorare > hondrare > honrar.

Consoantes finais simples

As palavras latinas podiam terminar com qualquer consoante menos “f”, “g”, “h”, “p” e “q”. Todas elas se articulavam normalmente, exceto o “m”, que se proferia de modo tão fraco que acabou desaparecendo no próprio latim. Em português, ficaram as seguintes: **B:** sobl // **L:** procedente de palavras latinas terminadas em “le”: fidele > fiel, aprile > abril, melle > mel // **M:** em monossílabos ou formas verbais (3ª pessoa do plural): cum > com, unu > um, cantant > cantam, poterant > podiam // **R:** procedentes de palavras terminadas em re, tanto nomes como verbos: dolore > dor, amare > amar, legere > ler, audire > ouvir // **S:** procedente de palavras terminadas em “e”, “s” ou como marca de plural: mense > mês, magis > mais, menses > meses, homines > homens // **Z:** procedente de formas verbais latinas e de substantivos e adjetivos terminados em “ce”: facit > faz, fac > faz/faze, avestruce > avestruz, capace > capaz, audace > audaz.

Em textos portugueses, constam palavras que terminam em consoantes não citadas. Trata-se de vocábulos, oriundos do latim ou de outras línguas, que ainda não foram assimilados ortograficamente: hífen, Job, querub, snob, maximum, interim, deficit...

Conclusão

Vários fatores chamam a atenção na evolução do latim ao português: em primeiro lugar, a analogia ou influência de umas palavras sobre outras por causa do significado, da forma, da função ou da acentuação; o mais curioso é que essas influências se sustentam, muitas vezes, em falsas etimologias ou em erros ortográficos; em segundo lugar, o

princípio da economia linguística: os falantes de uma língua procuram comunicar-se empregando o esforço que for preciso para garantir a comunicação; ou seja, se uma palavra de quatro sílabas puder transmitir o significado com três fatalmente perderá a quarta; em terceiro lugar, a estrutura CV (consoante-vogal): o português herdou do latim a estrutura silábica: as consoantes precedem o núcleo vocálico. As sílabas robustas e permanentes são as constituídas por consoante + vogal, especialmente quando iniciam palavra. Aquelas que começam por vogal ou que terminam por consoante costumam ser frágeis: desaparecem ou sofrem alterações profundas; em quarto lugar, a tonicidade das palavras-base permanece nos vocábulos derivados; em quinto lugar, as derivações cultas, ou cultismos, afastam-se menos das palavras-base do que as populares; finalmente, o aparecimento constante dos sons próximos de [i] em numerosos processos de transformação fonética, que os linguístas chamam de yod, cujo estudo merece uma abordagem especial.

Referências

- BARBOSA, J. M. *Études de Phonologie portugaise*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar. 1965.
- BOURCIEZ, E. *Elements de Linguistique romane*. Paris: Klincksieck. 1956.
- CICERO, M. T. *Dos deveres*. São Paulo: Martins Fontes. 1999.
- COROMINAS, J.; PASCUAL, J. A. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos. 1991.
- COSERIU, E. *Estudios de Lingüística Románica*. Madrid: Gredos. 1977.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio: Nova Fronteira. 1985.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico*. Rio: Nova Fronteira. 1982.
- FARIA, E. *Fonética histórica do latim*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 1970.
- FREIRE, A. *Gramática latina*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia e Livraria A.I. 1987.
- _____. *Syntaxis Latina*. Braga: Editiones Facultatis Philosophiae. 1987.
- HALL, R. The Unit Phonemes of Brazilian Portuguese. In: *Studies in Linguistics*, I, 4. 1943.

- JURET, A. C. *Manuel de phonétique latine*. Paris: Hachette. 1921
- KENT, R. G. *The Sounds of Latin*. Baltimore: Waverly Press. 1932.
- KRAHE, H. *Lingüística Indoeuropea*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 1953.
- LAUSBERG, H. *Lingüística Românica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1963.
- IORDAN, I.; MANOLIU, M. *Manual de Lingüística Românica* (2 vol.). Madrid: Gredos. 1972.
- MACHADO, J. P. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Horizonte. 1995.
- MASIP, V. *Gramática sucinta de português*. Rio de Janeiro: GEN/LTC. 2012.
- _____. *Latim instrumental*. Curso sistemático e progressivo de tradução. Recife: Bagaço/AECI. 2002.
- _____. *Fonologia e ortografia portuguesas. Um curso para alfabetizadores*. São Paulo: E.P.U. 2000.
- _____. *Gramática histórica portuguesa e espanhola*. São Paulo: E.P.U. 2003.
- MATTOSO, C., Jr. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio: Padrão Editora. 1977.
- _____. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio: Padrão Editora. 1985.
- RAVIZZA, J. *Gramática latina*. 12. ed. Niterói: Escola Industrial Bom Bosco. 1955.
- SÁ NOGUEIRA, R. *Elementos para um tratado de fonética portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional. 1938.
- SILVA NETO, S. da. *Manual de filologia portuguesa*. Rio: Presença. 1988.

VICENTE MASIP VICIANO

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutor em Linguística pela UFPE, chefe do Departamento de Letras e professor. E-mail: vmasip@terra.com.br.